

Julia Dupont estudou artes plásticas na Universidade Michel-de-Montaigne Bordeaux III, antes de se especializar em Fotografia e Arte contemporânea na Universidade Paris 8, onde obteve o seu Mestrado em 2013.

Prolongou a sua formação por ocasião de vários *workshops* em França e no estrangeiro, com o Centre Photographique d'Île-de-France, a École Nationale Supérieure de la Photographie em Arles (França), ou o Centro de Fotografia de Montevideo (Uruguai).

Na sequência de um concurso organizado pela Galerie Michèle Chomette (Paris), onde ganhou o primeiro prémio com o seu livro de artista *Rémanence*, participou em três exposições colectivas na galeria entre 2014 e 2018. Em 2016, recebeu o apoio à fotografia documental contemporânea do Centre National des Arts Plastiques (Paris), para o seu projecto *Épure*, e fez uma residência no Atelier RE.AL, em Lisboa. A sua série *Épure* foi exposta durante duas exposições colectivas em França, em 2018, e ainda em duas exposições pessoais no Verão de 2019, uma na Galerie Run, em Paris; a outra no Museu Nacional de História Natural e da Ciência, em Lisboa. Vai participar também em duas exposições colectivas, em França, em 2019 e 2020, e está a preparar uma exposição pessoal para a Galerie du Haut Pavé (Paris), em Fevereiro de 2020.

De origem portuguesa, começou um segundo projecto em Portugal, com a realização de um vídeo documental sobre a sua avó e a aldeia onde mora, perto de Tondela.

31 de Julho - 1 de Setembro de 2019

Museu Nacional de História Natural e da Ciência
Sala Azul, Piso 1

Inauguração dia 31 de Julho, às 19h

Horários:

Terça / sexta: 10h-17h

Fim de semana: 11h-18h

O projecto *Épure* recebeu o apoio da fotografia documental contemporânea do Centre national des arts plastiques (Cnap), Paris, e do Instituto Camões - Centro Cultural Português na França.



Contacto:
<http://juliadupont.fr>
dupontjulia@hotmail.com
T + 33 6 03 53 31 56

Épure

Julia Dupont

O silêncio do tempo

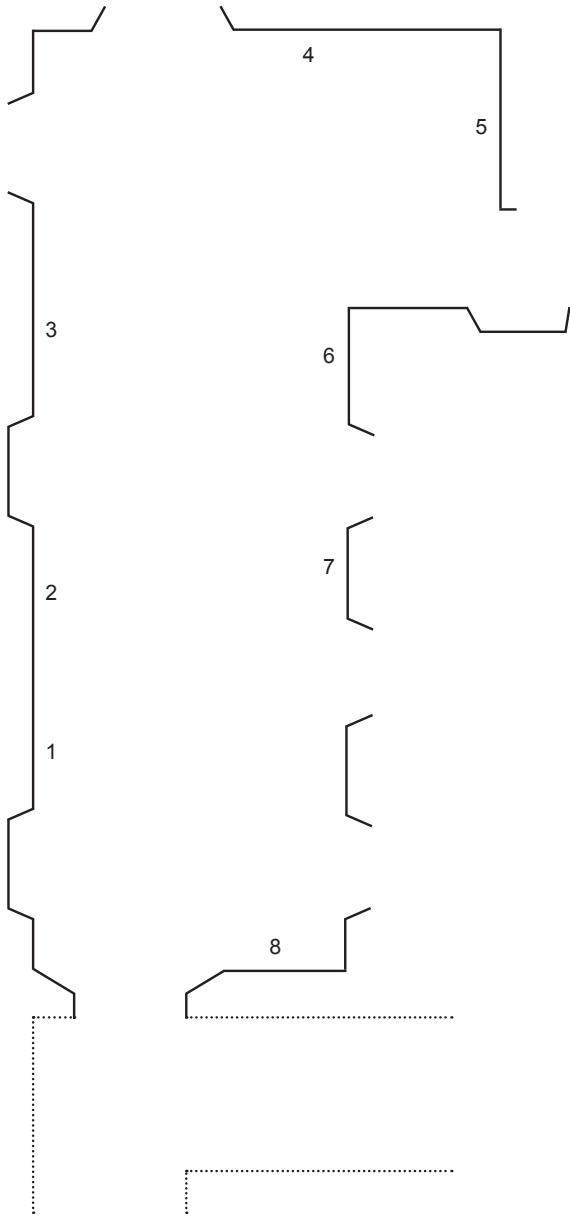
A exposição *Épure* da artista francesa Julia Dupont é composta por 8 fotografias sobre o antigo Convento de Santa Cruz, na serra de Sintra. A artista captou o espírito do lugar e o seu trabalho carrega o conceito do tempo. As fotografias não ficam presas à sua dimensão, há uma nítida dilatação do espaço onde a obra encontra o tempo. Onde se sente o despojo de São Francisco de Assis, a paz, a espiritualidade e a serenidade. Citando a artista, «tentei assinalar alguns traços da concepção que erigiu este lugar, e compus finalmente uma evocação pontual do meu percurso dentro dele. A minha imersão procedeu também dum processo no tempo, através dos relatos sobre a sua história e as existências que abrigou».

O que a Julia Dupont fotografa não são os elementos naturais, a sua intenção é atingir o princípio da criação, a ideia do vazio, do silêncio, do passado. Enaltecer a importância do princípio interno e não a forma constante. «Deixando depois de si o intervalo perfeito como um único som vibrando no ar. Renascer depois, guardar a memória estranha do intervalo, sem saber como misturá-lo à vida. Carregar para sempre o pequeno ponto vazio — deslumbrado e virgem, demasiado fugaz para se deixar desvendar.» (Clarice Lispector, in *Perto do Coração Selvagem*.) A natureza é estética porque nos proporciona estados de prazer espirituais ao nosso sentido mais genuíno e ingenuo.

Esta série de fotografias é como um poema, a sua narrativa conta a história dos vestígios, das memórias que vêm ao seu encontro deixados por outras vidas. Tendo por base um movimento e associações livres dos fragmentos captados. «Quando, no decorrer das nossas observações, tivermos que mencionar a relação de uma imagem poética nova com um arquétipo adormecido no inconsciente, será necessário compreendermos que essa relação não é propriamente causal. A imagem poética não está submetida a um impulso. Não é o eco de um passado. É antes o inverso: pela explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos e não se vê mais em que profundidade esses ecos vão repercutir e cessar. Pela sua novidade, pela sua actividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio.» (Gaston Bachelard, in *Poética do Espaço*.)

A luz aqui representada dá ênfase à espiritualidade ainda visível nos seus interiores. Preservando os elementos que compõem essa paisagem arquitectónica primitiva que ainda não foi destruída, pedras, cortiça, plantas, musgos, constroem o lado íntimo e devassado pelo abandono.

Sofia Marçal
Julho de 2019



1 - *Épure, # 4*
2016 - 2018
Impressão jacto de tinta Fine Art sobre papel Bamboo Hahnemühle, moldura
branca em alumínio
70 x 49 cm

2 - *Épure, # 2*
2016 - 2018
Impressão jacto de tinta Fine Art sobre papel Bamboo Hahnemühle, moldura
branca em alumínio
100 x 70 cm

3 - *Épure, # 3*
2016 - 2018
Impressão jacto de tinta Fine Art sobre papel Bamboo Hahnemühle, moldura
branca em alumínio
100 x 70 cm

4 - *Épure, # 7*
2016 - 2018
Impressão jacto de tinta Fine Art sobre papel Bamboo Hahnemühle, moldura
branca em alumínio
100 x 70 cm

5 - *Épure, # 10*
2016 - 2018
Impressão jacto de tinta Fine Art sobre papel Bamboo Hahnemühle, moldura
branca em alumínio
70 x 49 cm

6 - *Épure, # 6*
2016 - 2018
Impressão jacto de tinta Fine Art sobre papel Bamboo Hahnemühle, moldura
branca em alumínio
70 x 100 cm

7 - *Épure, # 12*
2016 - 2018
Impressão jacto de tinta Fine Art sobre papel Bamboo Hahnemühle, moldura
branca em alumínio
100 x 70 cm

8 - *Épure, # 14*
2016 - 2018
Impressão jacto de tinta Fine Art sobre papel Bamboo Hahnemühle, moldura
branca em alumínio
70 x 70 cm